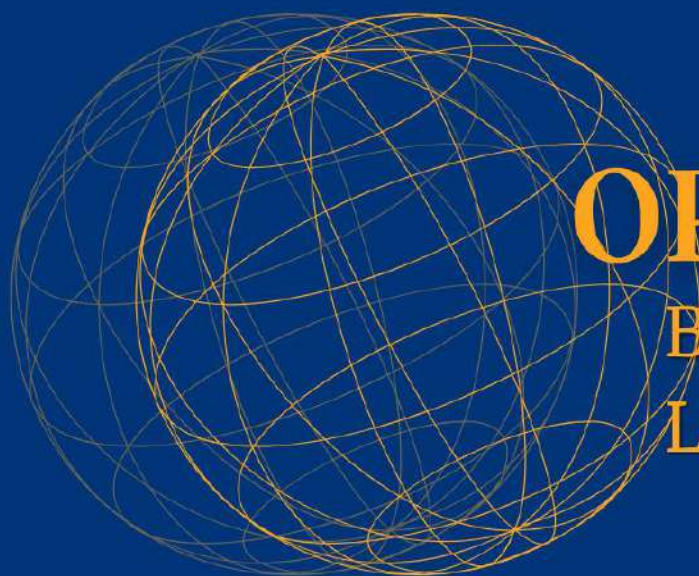




ORBIS

Boletim do
LEPEB-UFF



VOL.3 – Nº 8
JANEIRO-ABRIL/2025
ISSN: 2965-2235

Entre os múltiplos Eu's/Outro's: uso de imagens e afetos na política

*Pablo Fontes **

*Cristina Rego Monteiro da Luz***

Refletir sobre a política externa em Relações Internacionais (sem que se defenda a divisão polarizada entre doméstico e internacional) por meio de diferentes teorias, metodologias, ontologias e recortes epistemológicos nos exige, em certa medida, compreender múltiplas imagens, afetos e emoções que perpassam e permeiam a relação co-constitutiva entre o *Self* e o *Other*. Enquanto nos estudos da psicologia, da pedagogia e nos meios de comunicação (entre outros campos das ciências aplicadas), os afetos obtiveram relevância e mereceram análises valiosas ao longo do tempo, no campo das Relações Internacionais, por décadas e por que não, séculos, reflexões consistentes sobre os afetos (independentemente dos seus diversos tipos) demoraram a ter a devida relevância.

Apesar do adiamento e da resistência de muitos (as) teóricos (as) quanto à importância e às colaborações transdisciplinares que podem e devem ser extraídas das análises sobre a política, é chegado o momento da importância do não negligenciamento. Parece-nos que essa dificuldade e/ou não empatia sobre a temática do campo afetivo, do homem emocional, deve-se, de certa maneira, às questões envolvendo racionalidade/irracionalidade, razão/paixão (temas cernes da Filosofia e Teoria Política). Esses debates evocam, sobretudo, a sobreposição da razão sobre a emoção, permitindo e favorecendo a exclusão/marginalização da temática “afetos/sentimentos” – já que nesta temática e narrativa, deve-se ao nascimento do sujeito liberal a construção da representação imagética do homem coma perspectiva de não ter e/ou ser portador de sentimento/afeto.

Ao revisarmos imagens e símbolos que circulam na esfera da economia política discursiva observa-se que, quando reflexões acerca do afeto são retratadas, elas reduzem-se, em certa medida, à perspectiva da segurança ontológica, mais especificamente quando o tema esbarra na antropomorfização do estado. Mais do que olhar para os estados, é preciso voltar-se para os indivíduos, sobretudo, aquelas (es) cujo self é estilhaçado cotidianamente (pobre, favelado, negros, homossexuais, mulheres etc.).

Portanto, para nós, revisitar os *Self's* passa a ser também problematizar os *Other's*. Compreendemos neste pequeno texto que não há somente um único EU, mas que existem diversos Selves que constantemente são estilhaçados pelas políticas

dos afetos e das emoções, principalmente, nos múltiplos jogos e performances políticas. Cabe destacar que, por vezes, quando analisados múltiplos *Self's* e *Other's*, a violência é vista e/ou mesmo visualizada como a “primeira” ou “única” forma de compreender as transferências dos afetos (leia-se aqui esperança) e traumas que as imagens político-midiáticas exploram exaustivamente no nosso cotidiano. A sinestesia enquanto figura de linguagem, nos ajuda a entender, em certa medida, as transmissões e as antíteses que permeiam nosso consciente/inconsciente.

Diferentemente de alguns analistas de política internacional que buscam conclusões através das mensurações (método quantitativo) para entender a política de afeto, defendemos que decodificar as políticas sobre o afeto a partir dos cânones *mainstream* das Relações Internacionais e da Ciência Política leva a não compreender as (inter) subjetividades, os diversos significantes e significados que são (foram e/ou ainda permanecem) construídos nos múltiplos objetos de análise. Por outro lado, ao falarmos dos aspectos filosóficos que circundam a tarefa política da reconstituição do afeto sobre diferentes perspectivas, não reduzimos ou limitamos nossas análises a visões abstratas. Para nós, as emoções podem (mas não somente) ser visualizadas na materialidade.

Nesse sentido, o novo materialismo talvez seja uma possível “saída” para aqueles (as) que necessitam por meio de um “dado/estatística” ou materialidade entender as dimensões pertinentes às políticas dos afetos. Todavia, cabe um questionamento: um número/dado reflete as idiosincrasias que os *Self's* e os *Other's* sofrem nos seus cotidianos? Para nós, não! E não estamos sós. O filósofo coreano Byung-Chul Han, autor de “A Sociedade do Cansaço”, compreende que a Comunicação está necessariamente deturpada sem a consciência afetiva que se traduz na percepção sinestésica do outro.

Sem a presença do outro, a comunicação degenera em um intercâmbio de informação: as relações são substituídas pelas conexões, e assim só se conecta com o igual; a comunicação digital é somente visual, perdemos todos os sentidos; vivemos uma fase em que a comunicação está debilitada como nunca: a comunicação global e dos likes só tolera os mais iguais; o igual não dói.

Em “Cegueira Moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida”, de 2014, Bauman e Donkis acusam um trato de crescente desvalorização da dor do outro, não reconhecida como tal. Ao mergulhar nos aspectos líquidos de uma modernidade que vivencialmente se distancia de valores afetivos, os autores alertam

para as consequências da indiferença humanista em relação ao outro, uma indiferença que neutraliza a distinção entre o mal e o bem de forma generalizada:

O mal não está confinado às guerras ou às ideologias totalitárias. Hoje ele se revela com mais frequência quando deixamos de reagir ao sofrimento de outra pessoa, quando nos recusamos a compreender os outros, quando somos insensíveis e evitamos o olhar ético silencioso.

Até o presente momento falamos de modo tangencial sobre os *Self's* – e onde se (des) localizam os *Other's*? É preciso haver um território específico para que os transbordamentos dos afetos possam ser visualizados/sentidos sobre os *Other's*? Parece-nos que a subjetividade colabora com nossas análises e reflexões na medida em que por intermédio de diferentes formatos e estilos podemos entender que há diversos Outros. Alguns Outros ganham espaço e em certa medida, legitimidade, ao passo que há grupos hostilizados e silenciados.

Cabe atestar que neste breve artigo, não propomos reduzir nossas análises sobre as emoções e afetos na política internacional apenas, a individualidade do ser humano, mas a coletividade em si. Ao mesmo também é preciso destacar que ao olharmos para a coletividade, não buscamos homogeneizar as emoções e afetos dos indivíduos. O que compreendemos por emoção se enquadra nas reflexões de Jonathan Mercer em seu artigo “Feeling like a state: social emotion and identity”. Assim, interessam-nos nessa breve análise sobre as emoções e afetos, as reflexões sobre as linguagens que são produzidas pela/na política internacional.

Nesse sentido, entendemos que independentemente da classe social, etnia, raça etc., todos os indivíduos detêm e sofrem emoções e afetos. É evidente, ou deveria ser, que existem aqueles (as) que cotidianamente sofrem com os impactos sobre seus corpos e mentes a dor e o luto através de múltiplas formas de violência, preconceitos, de transmissões de (des) afetos. A representação discursiva-imagética sobre a dor de povos que foram ou permaneçam sendo massacrados são negligenciados e/ou espetacularizados. De um modo geral, para estes sujeitos a política do afeto é compreendida como desprezível. Os meios de comunicação, independente do formato e estilo, utilizam-se da construção (*framing*) e da transmissão dos afetos em sua polaridade ameaçadora (ódio, paixão, terror). Basta olharmos as argumentações que justificam a Guerra ao Terror, o discurso da piedade sobre a Síria, as imagens relacionadas às crianças em permanente estado de ameaça, a tolerância frente ao genocídio negro que varre este país, as intolerâncias religiosas etc.

Cabe ainda ressaltar no âmbito da segurança ontológica a antropomorfização da política dos afetos dos indivíduos associada à imagem estatal. No âmbito do Brasil, a cidade do Rio de Janeiro, por exemplo, é possível observar a antropomorfização do estado, isto é, características pertencentes aos seres humanos são exportadas (e observadas) a imagem do estado. A partir da antropomorfização estatal, através dos discursos performatizados, é que múltiplas dicotomias onde os múltiplos Eu's e Outro's são construídos e visualizados a partir da dicotomia asfalto (polícia) x favela (genocídio negro). A teoria construtivista, neste prospecto, tem espaço e "legitimidade na medida em que, ao importar perspectivas sociológicas, atesta para o compartilhamento e/ou socialização dos sentimentos e valores éticos-morais que são visualizados (ou não), mas que de todo modo imprimem visões de mundo, potencializadas no modo hegemônico. Que o diga a opinião pública ou opinião publicada, replicada por meio de instituições midiáticas privadas e /ou vinculadas, avalizadas por aparato estatal. Instituições que produzem e veiculam sistematicamente narrativas e linguagens que falam de vidas e sentimentos que deveriam verdadeiramente importar.

Referências:

BAUMAN, Zygmunt e DONSKIS, Leonidas. **Cegueira Moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida**. Rio de Janeiro, Zahar, 2014.

BYUNG-CHUL HAN: "Hoje o indivíduo se explora e acredita que isso é realização". Entrevista a Carles Geli. **El País**, 07 fev. 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/07/cultura/1517989873_086219.html

HAN, Byung-Chul. **A Sociedade do Cansaço**. Petrópolis, Vozes, 2015.

MERCER, Jonathan. Feeling like a state: social emotion and identity. **International Theory**, 6 (3), Cambridge University Press, 2014.

*Professor do Departamento de Relações Internacionais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (DRI-UERJ). E-mail: pablovictorfontes@gmail.com

**Professora do Programa de Pós-Graduação em Mídias Criativas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGMC-UFRJ). E-mail: cristina.regomonteiro@eco.ufrj.br